

Estrela de Fernando Diniz

Nise da Silveira (texto)
Carlos Bernardi (fotos)



O hospital psiquiátrico, de quando em vez, resolve melhorar suas lamentáveis estatísticas e o caminho que encontra é dar altas mal discriminadas ou fazer transferências para hospitais de crônicos. Foi assim que, no dia 12 de agosto de 1977, aconteceu a transferência de Fernando para a Colônia Juliano Moreira sem que nenhuma comunicação houvesse sido feita no setor de pesquisa do Museu de Imagens do Inconsciente onde a expressão plástica de Fernando vinha sendo acompanhada.

Do ponto de vista da psiquiatria tradicional, apesar de sua obra extraordinária ser reconhecida no campo das artes plásticas no Brasil e no estrangeiro, Fernando continuava sendo considerado um crônico em estado de grave deterioração, com a afetividade embotada, sem nenhuma perspectiva de trazer para a coletividade dons de qualquer espécie.

Por sorte rara lhe foi aberta a porta de uma escola que existe na Colônia. Uma professora acolheu-o e deu-lhe condições para continuar pintando. Também os amigos do Museu o visitavam freqüentemente para ele não se sentir abandonado.

Fernando volta ao Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro em janeiro de 1979. Volta num estado de anemia grave mas sua chama criativa não havia sido perdida. A chegada de Fernando foi festiva e ele demonstrou grande alegria por se achar de novo no seu atelier. A alegria manifestava-se em todos os seus movimentos, Pintava, tocava órgão, piano, dava passeios pelos terrenos em torno do hospital. Depois de uma curta fase de pinturas caóticas, sua produção plástica transbordou de imagens vibrantes. No dia em que chegou o piano à nova sede do Museu, Fernando, rapidamente pintou uma nova representação do piano e do pianista.

Depois desse período de efervescência com maior proximidade do real, Fernando volta a suas preocupações cósmicas. Em 13 de julho de 1979, numa cartolina muito grande, tenta pintar uma estrela mas nunca o papel lhe parece suficiente. Para pintar estrelas muitas vezes Fernando junta várias cartolinas. Diz: "é uma estrela muito grande. Levaram anos para fazer um Buda do tamanho de uma montanha. Só com muitos anos."

Mais tarde, num trabalho de modelagem, constrói uma estrela formada de múltiplas estrelas encaixadas umas nas outras. A estrela cresce enormemente e então começa sua decomposição em partes até o completo desmoronamento. É o mesmo fenômeno tantas vezes dramaticamente repetido na obra de Fernando.

Esta situação encontra paralelo nos mitos abortados de criação do mundo quando Deus não consegue levar a termo seu empreendimento.

Deus destrói e retoma sua obra criadora até que alcance fazer um mundo que tenha condições de sobrevivência. Segundo tradição antiga, também o Deus do povo Judeu criou vários mundos e os destruiu antes da criação do mundo que o agradou, o nosso mundo.

Marie-Louise von Franz aprendeu que os mitos de criação refletem como um espelho processos inconscientes e pré-consciente que revelam esforços para a estruturação da consciência ou o alcance de novos níveis de consciência do mundo.





Acrescenta que muitas vezes a irrupção da esquizofrenia é precedida por sonhos, medos, visões de fim de mundo, de destruição cósmica. E ao contrário, na saída do episódio esquizofrênico aparecem na produção psíquica temática e símbolos dos mitos de criação, na medida em que a consciência se reconstrói e a função do real volta a afirmar-se.

Nas alterações que ocorreram na psique de Fernando não aconteceram as graves cisões que ocasionam o avassalamento total do campo do consciente pela invasão de conteúdos emergentes da profundidade do inconsciente. Mas se o ego não se espatifou, teve sua capacidade de síntese perturbada. É demasiado fraco para assumir o papel que cabe a mais alta instância psíquica de reunir seus conteúdos em unidades significativas e hierarquicamente estruturadas.



Fernando falhou em levar a termo a reconstrução de sua psique. E, antes da psicose já era um indivíduo profundamente ferido na imagem que fazia de si próprio, sobretudo devido às condições sociais opressoras e às contradições que dilacerara sua infância. Todo o curso de sua vida foi demasiado trágico e os métodos de tratamento usados no hospital psiquiátrico paradoxalmente massacram cada vez mais essa auto-imagem e são implacavelmente hostis aos movimentos de defesa das forças auto-curativas que tentam a reconstrução da psique dissociada.